

Refletindo com as catequeses do Papa Francisco: fé, esperança e caridade como forças de vida e ressurreição em um mundo pandêmico

Reflecting on the catecheses of Pope Francis: faith, hope and charity as forces of life and resurrection in a pandemic world

CESAR KUZMA*

Abstract

This article is intended to bring faith, hope, and charity as forces of life and resurrection in a pandemic world. The COVID-19 pandemic brought us challenges and new situations that deserve to be addressed and dealt with specifically. This situation brings us new questions to our society, to humanity, and these new questions also challenge us theologically. Therefore, we aim to offer a reflection that points out horizons and brings theological and practical implications. Methodologically, we will use the speeches of Pope Francis, who draws attention to the gravity of this moment and insists that this is a favourable time to rethink our way of life and our relationships. We will follow the approach of theologians who help us to understand this problem and, in a dialectical way, we will

* Professor-pesquisador do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/Brasil; Doutor em Teologia Sistemática pela PUC do Rio de Janeiro; Presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, no Brasil (SOTER), para o período de 2016-2022; <https://orcid.org/0000-0002-2533-6323>; cesarkuzma@gmail.com.

bring the questions that challenge us in this context. The work is divided into three parts: first, the questions that come to us from this pandemic world. Second, we will present a theological development on faith, hope, and charity, updating and bringing reflection to our context. Finally, we will approach the theme of resurrection as both a proposal for life and a possibility of transformation.

Keywords: Pope Francis; Virtues; Pandemic; Life; Resurrection.

Resumo

Este artigo tem a intenção de trazer a fé, a esperança e a caridade como forças de vida e ressurreição em um mundo pandêmico. A pandemia da COVID-19 nos trouxe uma série de desafios e novas situações que merecem ser abordados e tratados especificamente. Esta situação nos traz novas interpelações para a nossa sociedade, para a humanidade e estas novas perguntas também nos desafiam teologicamente. Diante disso, temos o objetivo de oferecer uma reflexão que aponte horizontes e traga implicações teológicas e práticas. Metodologicamente, seguiremos com as falas do Papa Francisco, que chama a atenção para a gravidade deste momento e insiste que este é um tempo favorável para repensarmos nossa forma de vida e nossas relações. Seguiremos pela abordagem de teólogos que nos auxiliam na compreensão deste problema e de forma dialética trataremos as perguntas que nos desafiam neste contexto. O trabalho se divide em três partes: primeiramente, trataremos das interpelações que nos chegam deste mundo pandêmico. Na sequência, faremos um desenvolvimento teológico sobre a fé, esperança e caridade, atualizando e trazendo a reflexão para o nosso contexto. Por fim, faremos uma abordagem sobre o tema da ressurreição como proposta de vida e possibilidade de transformação.

Palavras-chave: Papa Francisco; Virtudes; Pandemia; Vida; Ressurreição.

Introdução

Estamos vivendo em um tempo pandêmico e este é um contexto que nos desafia em nossa forma de ser, de viver e, também, no modo como experienciamos e refletimos sobre nossa fé. A pandemia da COVID-19 se

tornou um marco de nossa história¹. Houve um caminho percorrido e este caminho nos trouxe até aqui. Há causas e consequências, o que exige novas posturas e atitudes. Frente a isso, há uma nova possibilidade que se abre e nos interpela no mais íntimo do nosso ser, algo que nos convida a um horizonte novo, para o qual não sairemos iguais, pois o evento que presenciamos e que ainda continuamos a viver nos marcou e nos feriu profundamente. Imagens nos vêm à mente, nomes, rostos, histórias, pessoas que são próximas a nós e que foram atingidas ou levadas por este vírus. Vimos ações de solidariedade e ações de falta de humanidade. Respeito e egoísmo. Há o olhar para a ciência que salva e há o negacionismo que mata. De repente, nós nos percebemos num mundo que se viu obrigado a parar e que as estruturas que temos se mostraram, em grande parte, frágeis e insuficientes para barrar e para oferecer uma segurança. Um vírus invisível deixou marcas visíveis em nossas vidas e em nossa história.

No final de 2019, pouco antes do surgimento deste novo coronavírus, ninguém poderia imaginar que algo inusitado iria suceder e que dois anos depois estaríamos vivendo em um mundo pandêmico, numa condição delicada e que deixa vítimas, sofrimento e morte em toda parte. O alerta para uma crise humana e ecológica, em caráter global, já vinha sendo feito há tempos, pois há um desequilíbrio na maneira como interagimos com o meio ambiente, na exploração que fazemos da natureza, na desigualdade social, o que possibilita um cenário com consequências trágicas, inclusive para o surgimento de novas pandemias. Diante desta realidade, a teologia não pode ficar ausente, ela deve se sentir desafiada a oferecer uma resposta, ela deve se colocar em diálogo e, perante este desafio, ter uma palavra construtiva, pois este é um tempo que nos interroga. É algo totalmente novo, para o qual não se tem uma resposta

¹ O SARS-CoV-2 teve o primeiro caso de contaminação descoberto na China, na cidade de Wuhan, em dezembro de 2019. Desde fevereiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a chamar a doença resultante deste novo coronavírus de COVID-19: COrona VIRus Disease (doença do coronavírus: COVID). O número 19 se refere a 2019, quando surgiram os primeiros casos. Em março de 2020, a OMS declarou que estamos numa pandemia global. Estas e outras informações sobre a origem e demais estudos sobre o SARS-CoV-2 e a COVID-19 podem ser encontradas no site oficial da OMS. Ver: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Consultado a 30/06/2021.

pronta. Esta resposta deve ser buscada e construída por todos, e com todos, já que este é um problema global e que exige ações, dinâmicas e entendimentos coletivos.

É por onde gostaríamos de oferecer uma reflexão, trazendo à discussão as questões que envolvem a pandemia, as novas interpelações que nos chegam e, com elas, permitir um questionamento à teologia, perguntando de que forma a teologia, pensada a partir da fé, da esperança e da caridade, pode oferecer um caminho, uma proposta, uma alternativa de diálogo e de construção para este contexto. Se o tempo atual nos questiona em nossa humanidade/sociedade e se ele nos coloca diante do limite de nossa natureza e condição humana, onde o sofrimento, a dor e a morte se tornam próximos e constantes, acreditamos que este é um caminho que devemos percorrer, que ele se faz urgente e necessário. É onde entram as três virtudes. Estas virtudes, entendidas como teológicas, não são meros sentimentos e/ou expressões que surgem de nossa parte, elas são dons, e como dons, elas nos oferecem alguma coisa e, assim, nos permitem uma ação correspondente. Elas são forças, forças que se traduzem em vida e ressurreição neste mundo pandêmico.

Metodologicamente, seguiremos com uma proposta crítico-dialética, dando voz às questões que surgem deste contexto e que nos convidam a interagir teologicamente. Seguiremos com as palavras do Papa Francisco, que, desde o início da pandemia, tem chamado a atenção para este problema e tem buscado refletir teologicamente, pastoralmente e socialmente. É um momento que nos convida à mudança, a um repensar de nossas estruturas humanas, políticas e sociais e das relações que construímos. Em suas catequese, discursos e homilias, Francisco falou da fé, da esperança e da caridade como fontes essenciais da espiritualidade cristã e que, como dons, são forças que nos ajudam a superar este momento. Esta percepção nos leva ao encontro de outros autores/teólogos que vão nos ajudar a aprofundar o conteúdo teológico destas virtudes e de trazer novas implicações teológicas e práticas a partir delas. O tema é amplo, tanto na abordagem da pandemia quanto no desenvolvimento das três virtudes teológicas, por esta razão, a escolha dos autores/teólogos que seguiremos

neste artigo visa apontar um horizonte de vida e ressurreição em um mundo marcado pela morte, dor e sofrimento. Em nossa proposta não temos aqui um autor/teólogo específico, mas um construir de narrativas e abordagens que se somam e que nos ajudam a encontrar um caminho. Este contexto nos chama a uma experiência nova, na busca por entender e se fazer sensível e solidário com o que nos envolve, mas, sobretudo, na abertura para o novo, para algo que nos faça acreditar que outra realidade pode ser possível; que esta realidade não nos será dada pronta, mas que exigirá um empenho de nossa parte e de todos, na responsabilidade que assumimos e na corresponsabilidade que se pede, rumo a uma transformação. Por isso, ousamos falar de fé, esperança e caridade como forças de vida e de ressurreição.

1. Interpelações teológicas a partir de um mundo pandêmico

Estamos caminhando para a metade de 2021 e já avançamos para o segundo ano da pandemia da COVID-19. Desde então, fomos tomados por novas situações e por uma crise sem precedentes na história humana. O mundo simplesmente parou. O sofrimento, o medo e a morte se tornaram próximos e, junto a eles, uma série de sentimentos e novas inquietações se fizeram presentes, trazendo novas experiências e percepções que ainda não conseguimos entender de forma plena. As respostas que esperamos parecem não ser tão exatas como gostaríamos que fossem e este movimento trazido pela pandemia exige de todos nós uma força de interpretação e uma atenção a cada detalhe. Esta nova situação, vivenciada por todos e em toda parte, nos obriga a ter um olhar atento para a realidade em que estamos inseridos, em toda a sua complexidade e na dinâmica como se apresenta, para que, dentro dela, possamos ver a verdade que se revela e nos questiona. Uma verdade que se revela de forma assustadora e que questiona profundamente o nosso modo de ser e viver neste mundo.

O dado concreto que temos é que este coronavírus, o SARS-CoV-2, não surgiu ao acaso, nem foi criado em laboratório ou é parte de uma guerra química em cadeia global, como se espalham em *fake news* e em

ataques ideológicos, negacionistas e políticos. Estas falsas informações tentam desviar a atenção e fugir da realidade, são totalmente irresponsáveis. Os dados científicos nos mostram que este vírus – sua propagação em humanos – é resultado de nossa interferência no meio ambiente e do nosso estilo de vida², bem como que as indiferenças sociais e políticas, o descaso, a desigualdade e a falta de cuidado favoreceram o seu surgimento, como um mal resultante de uma ação desordenada, o qual hoje nos ataca e nos deixa sem respostas prontas e eficazes. Diante deste mal e daquilo que descobrimos e vemos em nosso cotidiano, somos chamados a mudar, a construir novas respostas e a tomar novas atitudes, para que juntos possamos sair e oferecer a todos uma nova proposta. A crise gerada pela pandemia, em meio a tanta dor, sofrimento e morte, se converte em uma oportunidade de mudanças para um resgate de nossa humanidade, em vistas de uma nova sociedade. Ela se torna um marco, um ponto de decisão. Não devemos falar em voltar à normalidade, pois se voltarmos à velha condição de antes, significará que não aprendemos nada com esta crise e dela sairemos piores³. O desafio é encontrar uma saída e que a vida que se seguirá depois possa ser diferente.

Frente a isso, temos que olhar e nos deixar interpelar. Tudo aquilo que olhamos e sentimos deve também nos impactar teologicamente, para que possamos oferecer uma resposta, uma contribuição, ou para que, de nossa parte, alimentemos as perguntas que nos levem a entender este contexto e favoreçam a superação deste momento.

É necessário, então, estender um olhar para esta realidade e se deixar questionar por ela. É importante perguntar: o que vimos e o que sentimos? E este não pode ser um olhar superficial, é importante que ele seja profundo, que ele veja além do que é mostrado e do que nos é permitido ver, que vá além do que é percebido e ultrapasse as fronteiras de onde nós

² Ver dados apresentados pela OMS: <https://www.who.int/health-topics/coronavirus/origins-of-the-virus>. Consultado a 30/06/2021.

³ Cf. Papa Francisco, Audiência geral, de 19/08/2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audienças/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html. Consultado a 18/04/2021.

nos encontramos. Se necessário for, devemos perguntar novamente, ressoando as perguntas e meditando possíveis respostas: é isso mesmo que estamos vendo? É isso mesmo que estamos sentindo? Esta é uma realidade que mostra que ninguém está totalmente isolado, que todos somos afetados socialmente e humanamente, também pela fé. É com perguntas feitas assim, que nos levam à profundidade da questão, é que devemos colocar o nosso olhar e nos deixar interpelar.

Neste um ano e meio de pandemia, trancados em nossas casas e pelo acompanhar das mídias, vimos que, de uma hora para outra, o mundo se viu paralisado, praticamente dominado por um vírus que, em sua presença invisível, deixou um rastro visível em nossas vidas e relações. Rapidamente, o evento se tornou pandêmico e se espalhou por todos os espaços e, diretamente, todos fomos afetados por ele, de uma maneira ou de outra. Há o agravamento da saúde e a insuficiência de estruturas para atender as pessoas que se encontram contaminadas. Há incertezas quanto a origem do vírus e suas mutações e, com a amplitude da doença, muitas são as perguntas sobre suas consequências nos próximos meses e anos, o que leva a busca desenfreada por pesquisas que seguem atrás de tratamentos e de vacinas. Ao lado disso, o pedido para se fazer um isolamento social, que era e ainda é uma medida eficaz para combater e se afastar do contágio, fez com que se acentuasse com mais força a desigualdade entre pessoas, cidades e nações. Quem teve e tem o privilégio de estar em um bom lugar e numa boa condição encontrou meios de se proteger e se garantir. No entanto, esta realidade não foi e não é a mesma para muitas pessoas. Assim como ficar em casa não tem o mesmo significado e condição para todos, pois há a questão da pobreza, a dificuldade de moradia digna, quando milhares de pessoas moram em favelas e em situações precárias de habitação, sem qualquer assistência ou ajuda do Estado ou de qualquer outro órgão ou poder institucional. Há ainda o aumento da violência doméstica contra mulheres e crianças, a acentuação do racismo, do preconceito e descaso para com aqueles e aquelas que vivem em situação de rua e em diversas outras vulnerabilidades. A falta de recursos, a ausência de políticas públicas, a negação de direitos humanos e sociais,

retrocessos democráticos, populismos, situações que se somam a outros fatores existentes, como a desinformação e maus exemplos de lideranças políticas, artísticas e religiosas, fizeram com que muitos se obrigassem a sair em busca de trabalho e sustento, fazendo com que o risco da nova doença fosse um caso a mais que deve ser enfrentado na luta diária pela sobrevivência.

Vimos também a luta constante e incansável dos profissionais de saúde, que por sua dedicação e entrega, se tornaram mensageiros de vida e esperança em meio a morte e desesperança. Anônimos, deixam as suas casas, as suas famílias e se dirigem aos hospitais e unidades de saúde para garantir a vida daqueles que sofrem e que são anônimos como eles. São médicos, enfermeiros, auxiliares e profissionais diversos que ali exercem a sua compaixão e cuidado, como samaritanos que deixam de seguir o caminho de sua própria vida porque na estrada veem alguém que está caído e, este alguém, mesmo estranho a eles, em sua vida frágil e vulnerável, é mais importante (cf. Lc 10,33-35). Somam-se a eles os muitos exemplos de solidariedade, de gestos fraternos e coletivos de quem se arrisca para se dedicar aos outros, numa verdadeira prova de amor. Como disse o Papa Francisco, o amor cura e só ele pode nos salvar⁴. Exemplos assim, que se espalharam em várias partes do mundo, nos fazem acreditar no humano, nos fazem acreditar na vida e pensar, em tom utópico, que outro mundo é possível, que podemos sonhar juntos e que poderemos aprender e sair desta crise como pessoas melhores⁵.

É claro que isso não é o todo, pois em muitas partes vivenciamos o negacionismo, o desprezo, a falta de cuidado e a tentativa de se sobrepor a economia à vida das pessoas. Se no primeiro exemplo, tivemos aqueles e aquelas que se doaram e salvaram vidas, aqui temos aqueles que viraram as costas (alguns ainda viram), ignoram e seguem em frente, passando ao

⁴ Cf. Papa Francisco, Audiência geral, de 09/09/2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200909_udienza-generale.html. Consultado a 18/04/2021.

⁵ Cf. Cesar Kuzma, «O que vimos, esperamos e o que podemos aprender: interpelações teológicas desde a pandemia,» *Voices* (XLII, 2020.2), 15-21. Disponível em: <http://eatwot.net/VOICES/VOICES-2020-2.pdf>. Consultado a 18/04/2021.

longe, assim como fizeram o levita e o sacerdote, na parábola contada por Jesus (cf. Lc 10,31-32). Neste lado, infelizmente, tivemos atitudes que levaram à causa de muitas mortes, que, certamente, poderiam ter sido evitadas (em grande parte) se as medidas de cuidado e proteção fossem incentivadas e adotadas. É o que demonstra que esta pandemia fez despertar outras enfermidades em nosso meio, que apontam à falta de humanidade, o egoísmo, a insensatez e a falta de amor.

A pandemia da COVID-19 não questionou apenas a nossa sociedade, a maneira e a forma como esta sociedade se constituiu e se desenvolveu na história ao longo desses anos, mas ela fez um grave questionamento à nossa humanidade, aquilo que somos enquanto humanos e como construímos as nossas relações com o mundo que nos cerca e com as pessoas que aqui estão. Ela questionou os passos que foram dados e que nos trouxeram até aqui, ao mesmo tempo, faz um alerta para os novos passos que devemos dar, para qual caminho seguir e que decisões tomar. Se o individualismo crescente do mundo moderno e a dominação de uns sobre outros, de povos sobre povos, as velhas e novas colonizações fizeram com que chegássemos até aqui; se o abuso desenfreado dos recursos naturais e o avanço e a destruição do meio ambiente nos deixou vulneráveis como espécie humana, a primeira lição que tiramos, como humanidade, é que a saída desta crise e a superação desta pandemia devem ser trabalhadas e construídas de forma conjunta, em um projeto coletivo, pensando em todos e no bem de todos. O Papa Francisco, na sua Encíclica *Fratelli Tutti* (FT), lançada em outubro de 2020, em meio à crise da COVID-19 e em atenção a ela, diz que a forma inesperada como esta pandemia se irrompeu fez com que as nossas falsas seguranças ficassem descobertas (cf. FT 7), desmascarando a nossa vulnerabilidade e deixando à mostra a superficialidade de nossos projetos e prioridades (cf. FT 32). A rapidez com que este novo vírus (coronavírus) se espalhou pelo mundo e a velocidade com que circularam as informações demonstraram que, por um lado, estamos todos conectados e tudo o que acontece, não importa aonde e de que forma, interfere no todo. Isso foi o que o mesmo Francisco disse na Encíclica *Laudato Si'* (LS), «tudo está estreitamente interligado»

(LS 16). Este é um dado certo. Contudo, a dificuldade em se pensar ações conjuntas, capazes de atender a todos e em todos os espaços, mostra que não estamos unidos e que o pensar de uma pauta comum ainda é um grande desafio. Se o nosso percurso na história nos trouxe a esta condição, é a partir de uma nova articulação, de um novo entendimento de nosso papel no mundo que se pode superar e encontrar novos caminhos, desde que pensados por todos e para o bem de todos. No dizer de Francisco, na *Fratelli Tutti*, é importante sonharmos juntos (cf. FT 8), para «fazer crescer a consciência de que, hoje, ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém» (FT 137). Entram aí os ideais de uma sociedade de coração aberto e que esteja disposta a acolher (cf. FT 97-98), o exercício da boa política (cf. FT 154) e a construção de um ambiente fraterno (cf. FT 198), onde o papel de cada um de nós e o papel das religiões (cf. FT 271), no geral, têm grande relevância e é fundamental.

Estamos diante de novos fatos, de novos eventos, de uma nova situação que nos traz novas perguntas. Esta é a época das perguntas⁶, disse o Cardeal Tolentino, portanto, também um tempo de crescimento. Este efeito pandêmico traz questionamentos para toda a sociedade, para as ciências e para as novas descobertas biotecnológicas, para o pensar político e social, mas também para o modo como reagimos a estes dados, enquanto pessoas humanas, na busca de soluções e de ajuda, de entendimentos e nos sentimentos produzidos, na tentativa de achar um espaço onde a vida possa seguir o seu rumo e encontrar a sua razão e o seu sentido. Este tempo também se torna questionador para a teologia, que construída e provocada a partir deste contexto específico, inserida no modo de viver e crer das pessoas, também articulada como ciência e com um modo de pensar próprio, é chamada a oferecer a sua voz e dar atenção a este problema. Estamos num momento em que a vida humana é tocada, assim, o modo como vivenciamos nossa espiritualidade, aquilo que cremos e esperamos e a maneira como agimos, ganha grande

⁶ Cf. José Tolentino de Mendonça. «Que parábolas para este tempo?», Meditação apresentada à CNBB, em 25/11/2020. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Par%C3%A1bolas-para-um-tempo-novo-Cardeal-Tolentino.pdf>. Consultado a 18/04/2021.

importância. Perguntas sobre a vida e a morte se tornaram frequentes e o questionar sobre Deus e sua ação também. Que resposta damos a este grande número de mortes? São milhares. É possível dar uma resposta? Que experiência de Deus se pode fazer neste sofrimento, nesta dor? É possível fazer esta/uma/qualquer experiência, em meio ao medo, ao sofrimento, ao abandono e a morte? Para muitos, há um sentimento de abandono e muitos daqueles que morrem de COVID-19 passam por esta experiência do abandono, de estar sozinho, longe dos seus, isolados, com medo, muitas vezes inconscientes. Como rezou o Papa Francisco no dia 27 de março de 2020⁷, estamos em uma tempestade, uma tormenta que parece jogar o nosso barco para todos os lados e a sensação é de que vamos todos perecer. A oração que o Papa fez neste dia, diante de uma Praça de São Pedro vazia, é carregada de sentido. Este era o questionamento. Na oração, o Papa refletiu sobre a passagem de Marcos, da tempestade, na qual o medo dos discípulos se fez real: «Mestre, não te importa que pereçamos?» (Mc 4,38). Hoje, parece que temos um sentimento parecido, sabemos em quem confiar, sabemos que não estamos sozinhos, mas a nossa fraqueza humana e o limite de nossa fé nos levam a ter medo. E, se somos fracos na fé, não podemos mais esperar, pois a esperança se constitui pela fé⁸. Se não há fé nem esperança, tampouco poderemos amar, porque na caridade é onde a fé e a esperança se realizam. Fé, esperança e caridade. Juntas. Juntas elas nos abrem caminho e juntas nos interpelam.

Frente a isso, que questionamentos são trazidos a nós e de que maneira estas mortes e sofrimentos causados pela pandemia nos interpelam na fé? Que respostas podemos oferecer? Como falar de vida e ressurreição em um mundo de morte? Como falar de esperança e de túmulo vazio se milhares de pessoas são enterradas em valas comuns, sem dignidade e sem identificação? Quem são estes que estão sofrendo, que morrem em hospitais ou na espera de um leito hospitalar, que sofrem a desigualdade

⁷ Cf. Papa Francisco, «Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia,» em 27/03/2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html. Consultado a 18/04/2021.

⁸ Cf. Jürgen Moltmann, *Teologia da Esperança* (São Paulo: Teológica, Loyola, 2005), 34-35.

e a exclusão? Que perguntas eles nos trazem e que perguntas nós trazemos à fé, à esperança e à caridade? Sim, é a época das perguntas, como bem lembrou Tolentino, e elas nos sobram, porque são muitas. O tempo, sobretudo o tempo pandêmico, é por demais questionador.

O contexto atual nos interpela para os desafios existentes e nos chama a um pensamento maior, na tentativa de abraçar todas as questões, na humildade em saber que não existem respostas prontas e que o caminho é aberto, que ele deve ser construído. Tomando emprestada uma reflexão de Jon Sobrino e a trazendo para a nossa posição nesta pandemia, parece que estávamos dormindo, estávamos em um sono profundo enquanto a sociedade seguia o seu curso, desta forma, não nos demos conta do que estava acontecendo. É necessário, pois, despertar deste sono e abrir «novos olhos» para «ver» a realidade⁹. Este despertar traz dor e angústia, medo e insegurança. É o que podemos olhar; e esta é a realidade. Porém, ver é mais que olhar, o ver nos permite ir ao encontro do mistério, na certeza de que não estamos sozinhos e que Deus se faz presente. Seguindo ainda o pensamento de Sobrino e o trazendo para hoje, diremos que, por certo, este tempo pandêmico mudará as perguntas, pois o momento é exigente, mas também é certo dizer que teremos novas respostas¹⁰. O que esperamos, é que elas sejam de vida. Forças de vida e ressurreição.

2. Fé, esperança e caridade

Acima, quando em poucas palavras apresentamos algumas interpelações que nos chegam deste mundo pandêmico e, desta forma, questionamos o confronto desta nova realidade com a fé, esperança e caridade, tivemos a intenção de dizer que este momento, bem como as variações que nos chegam a partir dele questionam aspectos profundos em nosso modo de ser e, também, em nosso modo de crer. As respostas a este momento não podem ser dadas apenas por uma base institucional, que, mesmo sendo importante e necessária, não se faz suficiente. É preciso mais do

⁹ Cf. Jon Sobrino, *El Principio Misericordia* (San Salvador: UCA, 2012), 14.

¹⁰ Cf. Sobrino, *El Principio Misericordia*, 15.

que isso. Pelo fato de que este contexto interroga o mais profundo de nossa humanidade/sociedade e nela aquilo que esperamos e buscamos também em nível de fé, as respostas devem ser buscadas pelo aprofundamento de novas perguntas que nos levem ao encontro da essência de nossa espiritualidade, especificamente aqui, da espiritualidade cristã, que nos coloca diante de Jesus (sua pessoa) e seu Reino (sua proposta).

Este encontro sempre nos faz ver novas perspectivas, ele é aberto, convidativo, é livre, portanto, renova a nossa vida e nos leva em direção a realidades concretas que nos desafiam e nos interrogam na humanidade e, conseqüentemente, em nossa forma de crer. Vemos isso na *Evangelii Gaudium* (EG), quando nos fala de uma eterna novidade (cf. EG 11). Esta espiritualidade, que caracteriza o modo de ser cristão e é exigida e possibilitada pelo Reino de Deus, pelo acolhimento da práxis de Jesus em nossa vida, é que faz com que a fé, a esperança e a caridade se realizem concretamente na história, tal como o Espírito vai possibilitando e exigindo¹¹. Assim, elas se tornam forças que nos ajudam a enfrentar este mundo, podendo oferecer a ele outra condição e possibilidade. Se hoje, a pandemia nos amedronta e causa feridas profundas, deixando tantas pessoas na incerteza e atingindo especificamente os mais pobres, aqueles que já são vítimas de um sistema de morte e de dominação e poder, somos chamados a olhar fixamente a Jesus, e nele fazer a experiência do crucificado, no consolo e no protesto contra todo o mal¹². Aí está a identidade e relevância da espiritualidade que seguimos, «numa práxis que transforma o ser humano e as circunstâncias»¹³. O olhar fixo a Jesus nos fará perceber que ele é o autor da fé (cf. Hb 12,2), é quem nos anima em esperança e nos convida ao amor. Só assim é que poderemos curar o mundo¹⁴, como insistiu o Papa Francisco em suas catequeses de agosto e setembro de 2020, relacionando a fé, esperança e caridade com o tema da

¹¹ Cf. Jon Sobrino, *Espiritualidade da Libertação* (São Paulo: Loyola, 1992), 150.

¹² Cf. Jürgen Moltmann, *O Deus Crucificado* (Santo André: Academia cristã, 2011), 44-45.

¹³ Moltmann, *O Deus Crucificado*, 45.

¹⁴ Cf. Papa Francisco, Audiência geral, de 09/09/2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200909_udienza-generale.html. Consultado a 23/04/2021.

pandemia e nos convidando a agir a partir delas, discernindo este tempo e em atenção a todas as enfermidades, físicas, sociais e espirituais¹⁵.

Quando falamos em fé, esperança e caridade é importante dizer que elas não podem ser vistas de modo separado, como se fossem estruturas teológicas independentes. Elas devem estar juntas, de forma articulada, caminhando numa mesma direção, mesmo que, para um melhor entendimento do conteúdo que cabe a cada uma delas, nós acentuamos e as descrevemos separadamente. Elas também não são projetadas para um futuro concebido de forma dissociada do nosso contexto histórico, para algo distante, em uma posição totalmente fora da realidade, mas são trazidas para o nosso momento, naquilo que nos é específico, próprio e determinado, como forças que nos ajudam a viver e assumir os desafios que nos chegam e que nos interpelam, conforme descrevemos anteriormente. Por isso que Paulo, ao descrever o seu hino à caridade traz a dimensão do agora, do presente, onde elas se apresentam, onde nós as experimentamos e elas permanecem: «agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, essas três coisas» (1Cor 13,13). A ênfase no agora e no permanecer é fundamental. Orazio F. Piazza vai dizer que «o agora contém o ainda»¹⁶, e isso faz do tempo, do nosso tempo, com todas as suas variantes e desafios, um espaço escatológico, uma tensão que enche o presente de força e conteúdo. Há uma abertura ao futuro, com todas as possibilidades que ele traz, mas uma atenção ao presente, onde o escatológico se percebe e se alimenta. É por este caminho que seguimos, já que nossa intenção é apresentar estas «três coisas», como diz Paulo, como estruturas que nos ajudem a viver e superar este momento pandêmico. Não como fuga, mas como enfrentamento, como espaços de superação e de transformação. É como perguntamos acima: o que significa, neste nosso tempo e com os desafios trazidos, viver na fé, na esperança e na caridade? Em que consiste esta fé, em que se alimenta a nossa esperança e qual é o fundamento deste

¹⁵ Cf. Papa Francisco, Audiência geral, de 05/08/2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200805_udienza-generale.html. Consultado a 23/04/2021.

¹⁶ Orazio Francesco Piazza, *A Esperança: Lógica do impossível* (São Paulo: Paulinas, 2004), 96.

amor? Como dar razões a estas buscas, quando, na prática, nos faltam razões e o contexto nos aprisiona em medo, sofrimento e morte? Estas perguntas remetem à nossa missão neste mundo, nos colocam diante daquilo que somos chamados a ser e a fazer em vista de um bem maior, que é a vida e nossa disposição para o serviço e para o cuidado, em vistas do bem comum (cf. FT 154). E isso deve ser vivido no agora, neste espaço e tempo escatológico, onde a dinâmica da vida nos interpela na fé e pede a nossa presença, onde a esperança que ama não tem limites¹⁷.

Esta tríade constitui aquilo que chamamos de virtudes teológicas, pois o ser humano não as adquire a partir de si mesmo, de seu próprio esforço ou sentimento, mas elas vêm a nós como um dom de Deus. É dele a ação primeira e a esta ação nós caminhamos em tom de resposta. Se cremos (fé), é porque Deus vem a nós e nos convida à sua presença, então ele nos permite crer. Se esperamos (esperança), é porque o convite à sua presença nos promete algo e esta promessa nos inquieta e nos deixa em prontidão, em atitude de espera, uma espera ativa. Se há algo que podemos crer e esperar, é porque há um Deus que se antecipa a nós e nos mostra a sua face, ele vem em nossa direção e nos antecipa o futuro, à realidade da sua presença, que nos leva a crer e a esperar. Nesta antecipação, ele nos ensina a amar e nos faz sentir a força de seu amor, a partir do qual amamos e agimos em caridade para com o outro/a que nos cerca e que pede a nossa presença (caridade). A Primeira Carta de João diz que «ele nos amou primeiro» (1Jo 4,19). A espiritualidade cristã decorre, então, de uma ação primeira que vem de Deus. Ela vem a nós e não encontra um repouso, ao contrário, ela nos inquieta o coração, que arde e sai em direção daquilo que é revelado (cf. Lc 24,32-33), que é nossa ação segunda, como resposta. Desta forma, afirmamos que, «há uma ação divina e há uma ação humana, a segunda responde à primeira pela fé; junto com a fé, caminha a esperança, e ambas só se realizam, plenamente, no amor»¹⁸. Fé, esperança e caridade (cf. 1Cor 13,13). Três virtudes (teológicas) que

¹⁷ Cf. Piazza, *A Esperança*, 156.

¹⁸ Cesar Kuzma, *O Futuro de Deus na Missão da Esperança* (São Paulo: Paulinas, 2014), 56.

vêm de Deus, como dons de sua presença e de entrega a nós, mas que, de nossa parte, em resposta a este Deus, estas três virtudes se convertem em forças e com estas forças é que podemos seguir e caminhar em direção ao horizonte último de nossa existência, para aquilo que dá razão e sentido a tudo o que somos chamados a ser e a fazer, a levar e a construir, para todos e com todos. Esta ação de Deus em nosso favor nos provoca «a um impulso novo e transformador. Deus vem até nós com o seu futuro e caminhamos em sua direção como resposta de fé, vivendo em esperança e agindo no amor»¹⁹.

Se a fé é esperança e se a esperança é a esperança da fé, como nos diz Jürgen Moltmann, viver na fé e na esperança nos abre novas possibilidades²⁰, e nelas o amor se faz presente. O amor visto como caridade, que se converte em ágape e preenche de vida um mundo marcado pela morte. É este amor que é paciente, prestativo, que serve, que se alegra com a justiça e com a verdade, que tudo desculpa e tudo crê, que tudo espera e tudo suporta, e que jamais passará (cf. 1Cor 13,4-8). É este amor que se fundamenta e que se fez presente na práxis de Jesus, no todo da sua vida, na sua pessoa, em sua entrega e doação, em suas palavras e obras, nos ensinando a amar a Deus e ao próximo (cf. Mt 22,37), se fazendo solidário e tendo compaixão (cf. Lc 10,33-34), caminhando conosco até o fim, dando a vida por nós, por amor a nós. Em sua práxis de vida, Jesus anunciou um Reino em que a vida, a justiça e a libertação de todo mal caracterizam o seu conteúdo, no dizer de que Deus age e olha para os seres humanos; e Jesus não anuncia isso como forma de conceito ou doutrina, mas por uma experiência²¹. O Reino se faz perceber e sentir. No afirmar de Schillebeeckx: «para isso ele viveu; para isso ele morreu: pela causa de Deus como causa do humano»²². E quando nós, hoje, ao trazer esta experiência para a dinâmica de nossa espiritualidade, pedimos para que este Reino venha a nós, para que seja feita a vontade de Deus (cf. Mt

¹⁹ Kuzma, *O Futuro de Deus na Missão da Esperança*, 75.

²⁰ Cf. Jürgen Moltmann, *Teologia da Esperança* (São Paulo: Teológica, Loyola, 2005), 48.

²¹ Cf. Edward Schillebeeckx, *Jesus, a História de um Vivente* (São Paulo: Paulus, 2008), 136.

²² Schillebeeckx, *Jesus, a História de um Vivente*, 136.

6,10), nós estamos trazendo algo que nos estimula e nos encoraja para assumir uma práxis ética e religiosa de acordo com o Reino de Deus²³; que vem como dom gratuito, mas exige uma práxis de vida correspondente²⁴. Existe uma implicação ético-teológica na experiência que fazemos do Reino. É o que nos faz estar atentos à realidade que nos cerca, para que, tocados pela angústia, tristeza e sofrimento humano, chamemos aqueles que foram excluídos e abandonados, os fatigados e sobrecarregados, os rebaixados e atormentados, os famintos e moribundos, oferecendo a eles um espaço de vida e liberdade, de amor e justiça, porque sabemos que para eles existe o Reino de Deus, para o qual todos fazem parte²⁵. Tudo aquilo que o mundo sente, nós somos chamados a sentir, porque não há realidade alguma que seja verdadeiramente humana que não encontre eco no coração de quem crê, conforme afirmou o Concílio Vaticano II, na sua Constituição *Gaudium et Spes* (cf. GS 1). Voltando para as palavras de Moltmann, ele dirá que: «Pela esperança, o amor mede as possibilidades que lhe foram abertas na história. Pelo amor, a esperança tudo encaminha para as promessas de Deus.»²⁶ A fé é esperança e a esperança é a esperança da fé, e elas se realizam plenamente no amor, que por sua vez, também as alimenta. Fé, esperança e caridade, juntas, sempre.

Em desenvolvimento a esta questão e fundamentando as três virtudes na dinâmica do Reino de Deus, Jon Sobrino vai dizer que o Reino, como promessa e plano oferecido por Deus, se relaciona com o futuro, o que exige de nossa parte uma abertura confiante: esperança. No entanto, para que isso se torne possível, também exige uma importante afirmação de fé, que se faz no agora, na realidade e no contexto em que estamos. Todavia, o Reino que vem como dom gratuito, exige, por sua vez, em consequência, uma mudança fundamental nos homens e mulheres que a ele se abrem em esperança e afirmam na fé. Esta mudança radical só é percebida, só acontece pela prática da caridade, num amor que chega

²³ Cf. Schillebeeckx, *Jesus, a História de um Vivente*, 147.

²⁴ Cf. Schillebeeckx, *Jesus, a História de um Vivente*, 161.

²⁵ Cf. Kuzma, *O Futuro de Deus na Missão da Esperança*, 113-114.

²⁶ Moltmann, *Teologia da Esperança*, 48-49.

e transforma²⁷. Para Sobrino, a atualização do Reino em nosso contexto se dá pela concretização da fé, da esperança e da caridade, unificando o que nelas há de transcendente e de histórico, frente aquilo que é relevante e urgente na sociedade²⁸. O contexto em que Sobrino escreve sobre este tema é marcado por exclusão, violência, colonização, pobreza, injustiça, sofrimento e morte. Ele apoia a sua proposta na prática de Jesus, que descrevemos rapidamente em parágrafos acima e que é um contexto que marca a linha libertadora da teologia, pelo fato de perceber que estas realidades também se faziam presentes no tempo de Jesus, e o seu anúncio de Reino, com força histórica e profética, chamava atenção a isso. Este contexto não deixa de existir nos dias de hoje, mais que isso, tornaram-se mais graves pela pandemia. Portanto, ao lutarmos pela defesa da vida que hoje se faz frágil e vulnerável pela COVID-19, devemos nos lembrar que, junto com a doença, outras enfermidades apareceram, ou passaram a ser percebidas com mais evidência. Francisco acusou isso no ano passado: «A pandemia acentuou a difícil situação dos pobres e o grande desequilíbrio que reina no mundo. E o vírus, sem excluir ninguém, encontrou grandes desigualdades e discriminações no seu caminho devastador. E as aumentou!»²⁹ Esta desigualdade e discriminação também se faz perceber na vacinação, que se iniciou em dezembro de 2020 e em janeiro de 2021, quando os países ricos passaram a receber as doses por primeiro, aumentando ainda mais o abismo entre as nações, entre Norte e Sul, entre o que se define como centro e o que é tratado como periférico. Francisco acusou este mal sistêmico e, em seus discursos, ele disse: «seria triste se na vacina contra a COVID-19 fosse dada a prioridade aos mais ricos! Seria triste se esta vacina se tornasse prioridade desta ou daquela nação e não

²⁷ Cf. Sobrino, *Espiritualidade da Libertação*, 146-147.

²⁸ Cf. Sobrino, *Espiritualidade da Libertação*, 149.

²⁹ Papa Francisco, Audiência geral, de 19/08/2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html. Consultado a 22/04/2021.

fosse universal e para todos»³⁰. Na *Evangelii Gaudium*, de 2013, Francisco dizia que, diante dos mecanismos sacralizados do sistema econômico, os pobres, os excluídos continuam a esperar (cf. EG 54). E se eles esperam, mesmo sem saber o que vem (e se algo vem!), perguntamos nós, quem espera por eles?³¹

Avançando mais nesta questão e trazendo para o hoje de nossa história, para as implicações teológicas, eclesiológicas, sociais e práticas desta relação, para estas interpelações que nos chegam deste mundo pandêmico, dizemos que, se a esperança é a esperança da fé e a fé é vivida neste mundo, então é neste mundo, com todas as suas variações e situações, com todos os desafios que nos chegam é que devemos atuar, agir, sendo sinal e força desta esperança. É neste mundo que somos convidados a viver e alimentar esta esperança coletivamente, pois aquilo que esperamos se espera para todos, e com todos³². A fé e a esperança nos colocam diante do amor de Deus que nos acolhe, que nos abraça e nos permite amar; nos convida a ser e a fazer como ele, amar; e assim, no exercício da caridade abrimos novos espaços e possibilidades. No relacionar com a fé, dizemos que, «apenas quando esta se aproxima da revelação de Deus como amor é que se pode mover-se em esperança»³³. Uma esperança que não nos decepciona, porque é amor³⁴; vem a nós por obra do Espírito (cf. Rm 5,5), que nos anima e plenifica, abre para nós o novo.

De fato, a realidade como que o mundo se apresenta a nós hoje, marcada por este contexto pandêmico, que traz dúvidas e incertezas, mortes e sofrimentos, é uma situação que nos questiona, que nos interpela no mais profundo de nossa humanidade, e dentro dela, em nossa dimensão de fé. O que cremos, o que esperamos e o que fazemos? Perguntas? Certezas? Dúvidas? Inquietações? Não sabemos. Tudo é novo. Conforme já

³⁰ Papa Francisco, Audiência geral, de 19/08/2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html. Consultado a 22/04/2021.

³¹ Cf. Gustavo Gutiérrez, *Onde Dormirão os Pobres?* (São Paulo: Paulus, 2003), 28-33.

³² Cf. Kuzma, *O Futuro de Deus na Missão da Esperança*, 58.

³³ Rogério Guimarães de A. Cunha, *A Escatologia do Amor* (Petrópolis: Vozes, 2020), 98.

³⁴ Cf. Cunha, *A Escatologia do Amor*, 97.

dissemos acima, usando uma expressão da *Fratelli Tutti*, a pandemia nos deixou descobertos e trouxe à tona as nossas falsas seguranças, ela nos mostrou o percurso que nos trouxe até aqui, que decisões foram tomadas e quais foram as nossas omissões. Este medo, este vazio, nos faz buscar respostas e nesta busca encontramos a Cristo, que se antecipa a nós e nos convida a um momento novo. É para ele que devemos voltar o nosso olhar, como se pede na *Gaudete et Exsultate* (GE), para que possamos reconhecer nossa fragilidade e para que ele nos tome pela mão e nos conduza em um novo caminho (cf. GE 131), renovados no Espírito daquele que faz novas todas as coisas (cf. Ap 21,5). Frente a isso, nós, como cristãos, temos uma missão, um papel a desempenhar: somos convidados a somar forças para «curar o mundo», contagiando a todos com a nossa esperança (cf. FT 55). Francisco nos falou sobre isso na sua catequese do dia 05 de agosto de 2020, disse que a pandemia colocou a mostra nossas enfermidades físicas, sociais e espirituais e que se queremos curar a COVID-19, se queremos superar este tempo pandêmico, também devemos curar a todas estas outras enfermidades. É a isso que ele chama de curar o mundo. Curar o mundo todo. Francisco nos convida, mais uma vez, a olhar a Jesus, a olhar a sua práxis de vida e perceber que em suas curas tínhamos a atenção para a pessoa e para o social. A cura trazia integração e libertação, respeito e humanidade, vida e eternidade. A vida se fazia presente e ela se tornava sinal da presença de Deus entre nós.

É desta forma que devemos agir, na essência de nossa espiritualidade que nos torna cristãos e nos faz humanos. É quando os espaços de morte se transformam em espaços de vida e a nossa espiritualidade, pela força do Espírito do ressuscitado, se transforma em resistência. É o nosso chamado para recomeçar, para ter um novo início. Assim seguimos na fé, na esperança e na caridade, como forças de vida, que trazem transformação e ressurreição.

3. Forças de vida – transformação-ressurreição

Neste final de artigo, depois de refletirmos e acentuarmos detalhes da pandemia da COVID-19, que tem nos questionado profundamente,

e de termos desenvolvido, mesmo que de maneira breve, as características teológicas da fé, da esperança e da caridade, o que nos resta agora é perguntar sobre os horizontes possíveis e que caminhos podemos buscar e seguir.

Desde o ano passado, estamos sendo desafiados por este contexto que nos domina pela dor, pelo sofrimento e pela morte, por incertezas e angústias, loucura e desespero, dúvidas e crises de fé. Aumentou a desigualdade entre as pessoas, entre as cidades e entre as nações. Cresceu a indiferença. A vida chegou ao seu limite e em muitos lugares e para muitas pessoas esta situação parece ser o fim. Uma evidência para aqueles e aquelas que sofrem diretamente a dor e a morte pela COVID-19, mas também para aqueles e aquelas que são sobreviventes e, desta forma, persistem com a dor e com o sofrimento, vivendo, ou tentando viver (sobreviver) em um mundo marcado pela morte e pela falta de esperança. Vítimas que morrem e que ficam, vítimas de uma tempestade que nos pegou a todos. Todos somos vulneráveis e todos podemos sofrer com ela. Diante disso, o que podemos fazer? O que podemos esperar? Que caminhos se abrem a nossa frente? Como falar de vida em um mundo amedrontado pela morte, uma morte que vem rápido e é injusta. Como falar de esperança em uma sociedade que desiste ou não consegue vislumbrar o seu futuro, que se acomoda no hoje ou que não sente força naquilo que pode esperar? Como falar de Deus e tentar alimentar a fé num momento onde este Deus parece estar silencioso, distante, e numa fé que se percebe frágil? Que Deus pode ser contemplado e rezado neste contexto? Que imagem se tem dele ou que imagem se projeta como possível resposta?

De forma bem direta, aquilo que compreendemos por fé, esperança e caridade é tocado nesta realidade e esta é uma situação que nos desafia.

Estamos como os discípulos de Jesus, temerosos pela tempestade (cf. Mc 4,35-41), que joga o barco para todos os lados, numa violência sem controle e na sensação de que todos iremos perecer. Esta foi a leitura trazida pelo Papa Francisco na sua oração extraordinária do dia 27 de março de 2020, num momento em que alguns países da Europa viam o número de mortos subir dia a dia e o medo desta força estranha trouxe

silêncio e apreensão. Duas imagens do Papa Francisco nos veem à mente: a de Francisco caminhando pelas ruas de Roma até a Igreja de São Marcelo, no dia 15 de março de 2020, onde rezou diante do crucifixo que, em 1522, foi levado pelos bairros da cidade, pedindo para que se acabasse com a «Grande Peste». Este crucifixo foi levado ao Vaticano, onde pudemos acompanhar a impactante imagem do Papa andando e rezando sozinho em uma Praça de São Pedro vazia, duas semanas depois, no dia 27 de março. O evento que está por detrás destes acontecimentos e o chamado para buscar uma resposta mais profunda de tudo isso, impactou a todos. Foi como se em nossa mente e coração seguissemos com perguntas que, em um tempo supostamente tido como normal, não pensaríamos em fazer. Há espaço para a esperança? E que fé é capaz de sustentar esta esperança, em meio a tantas dúvidas e sofrimentos? Se a resposta vem do amor, como experimentar este modo de amar, que ultrapassa as barreiras daquilo que somos e nos convida a uma nova forma de ser, de viver, de estar, no amar, no crer e no esperar. Passado mais de um ano, a situação se agravou e hoje o mundo todo chora as suas mortes e reza por aqueles que se foram, que partiram sem um abraço, sem um olhar, sem um adeus. O luto se vê impedido por uma doença que a nossa sociedade não conseguiu impedir, por falta de estrutura, é verdade, mas também pelo descaso de alguns, sobretudo governos, que mesmo diante dos fatos parecem não se importar. Também na vigília Pascal de 2020³⁵, o Papa tocou neste assunto, nos encorajando pela força da ressurreição, para que não tivéssemos medo porque o ressuscitado está conosco e ele nos precede no caminho. Assim como fez às mulheres, ao amanhecer daquele dia, ele nos convida para ir à Galileia e ir à Galileia é ir ao encontro dos passos de Jesus, de suas opções de vida, de sua proposta de Reino. Ir à Galileia é ter a chance de recomeçar, e, desta forma, nós o veremos (cf. Mt 28,10). Este é um ver que transforma, que traz vida, que dá força, que faz tudo novo, porque é ressurreição.

³⁵ Cf. Papa Francisco, «Vigília Pascal de 2020 na Noite Santa, de 11 de abril de 2020.» Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200411_omelia-vegliapasquale.html. Consultado a 24/04/2021.

Por essa razão, fé, esperança e caridade. Não como dons que nos convidam a uma outra vida, além desta, mas como dons e forças para se viver nesta vida, uma nova vida. Com ele nós também ressuscitamos (cf. Rm 8,23-39). A experiência do ressuscitado nos faz antecipar no agora aquilo que cremos e esperamos, nos convidando a amar. O ressuscitado é o crucificado, traz as marcas da Paixão, que apontam para o seu caminho, para as suas escolhas, para a sua vida e para o seu Reino. A ressurreição enche a cruz e o caminho percorrido até ela de esperança escatológica, abre espaço para uma novidade que nos invade e nos faz resistir, existir, persistir. É vida, é esperança, é fé, é amor.

Um pouco antes em nosso artigo, na primeira e segunda parte, ilustramos a compreensão desta tríade teológica a partir do pensamento de alguns autores/teólogos, que de forma complementar nos reforçaram o caminho. Para este momento final, atendendo uma questão mais específica, gostaríamos de refletir esta parte com a proposta teológica de dois autores/teólogos e com eles expressar a força que nos anima e que nos faz ter abertura para uma nova vida. Usaremos a compreensão de esperança de Orazio Francesco Piazza e a ideia de ressurreição messiânica de Carlos Mendoza-Álvarez. O tema não se esgota e não temos a intenção de fechar. Porém, acreditamos que estas duas propostas nos oferecem aspectos valiosos naquilo que estamos construindo e podem nos ajudar a falar de vida em um mundo pandêmico. Forças de vida, ressurreição-transformação.

Piazza nos presenteia com um valioso livro sobre a esperança, apresentada, em sua concepção cristã, como «lógica do impossível». O argumento do autor é que o conteúdo desta esperança nos surpreende, é cheio de imprevisibilidade e abre sempre espaço para a novidade. Somos chamados a esperar em Cristo e a ter a mesma esperança dele, no experimentar de Deus e na abertura para o mistério que se revelou em sua vida e no evento da cruz e ressurreição. Somos levados ao novo, onde a fé se garante em esperança diante de um amor que vivifica. Piazza fala do amor fraterno e diz que este modo de amar vai além da prática solidária, mas exige comunhão e avança em fronteiras que se abrem ao inesperado. Ele diz que o amor fraterno é a cifra da esperança escatológica e toda a

base de sua proposta está no evento Cristo, pelo qual «o mistério de Deus se revelou como mistério de amor na história, como novo vínculo que a fé reconhece e a esperança atualiza»³⁶. A maneira como ele faz a esperança interagir com o amor se torna ponto de percepção para as urgências que visualizamos neste mundo pandêmico, onde nos faltam a esperança e o amor, seguramente, também a fé. Estamos fragilizados, sem rumo e sem respostas. No seu texto, ele nos diz que «o coração da esperança é o amor que dá a vida, que faz renascer para sempre a vida que tinha sido destruída pela morte e pelo mal. Neste amor, nós viveremos para nunca mais morrer»³⁷. Esta é uma frase que nos aproxima do que tem sido dito pelo Papa Francisco nesta pandemia, num encorajar constante, ao dizer que «com Deus a vida não morre jamais»³⁸. O amor é um dinamismo que, na esperança e na fé, modifica a vida em todas as suas dimensões, nos transforma em novas criaturas e nos leva a agir. Passamos a ter cuidado com tudo e com todos, porque temos amor³⁹. Baseados na esperança, nós passamos a crer e a força da fé persiste em um sinal de amor encarnado, palavra última que Deus pronunciou na história⁴⁰. Assim, o amor é a cifra de toda esperança e sem ele não se pode crer e não há nada que se possa esperar.

Carlos Mendoza-Álvarez nos fala de ressurreição. Fala de ressurreição em meio a um mundo marcado pela violência e opressão, em estruturas colonizadoras e de necropoder, que fazem com que a esperança surja como força de resistência frente a um mal sistêmico, que produz vítimas e deixa sobreviventes, que também são vítimas e sofrem o medo, o horror e a morte. Os sobreviventes são memórias vivas de vítimas (e de histórias) que não podem ser esquecidas, que se fazem presentes na resiliência e que são reconstruídas num amor que desperta para uma vida nova. É uma

³⁶ Piazza, *A Esperança: Lógica do impossível*, 155.

³⁷ Piazza, *A Esperança: Lógica do impossível*, 156.

³⁸ Papa Francisco, «Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia,» em 27/03/2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html. Consultado a 18/04/2021.

³⁹ Cf. Piazza, *A Esperança: Lógica do impossível*, 157.

⁴⁰ Cf. Piazza, *A Esperança: Lógica do impossível*, 163.

força que nasce de dentro, da experiência vivida e que «acontece na história para mudar um sistema que oprime e mata os inocentes»⁴¹. Na sua proposta de ressurreição messiânica, ele fala das muitas forças de resistência que trazem vida, que trazem novas possibilidades e novos caminhos de superação, também de reconciliação e perdão. Mendoza-Álvarez define a ressurreição como insurreição e este caminho nos oferece algo valioso para o tempo em que estamos⁴². A atenção se dá para o reconhecimento dos muitos espaços de morte que se transformam em espaços de vida, que nos favorecem uma nova forma de ser e de viver, numa espiritualidade de resistência, fortalecida por uma esperança que se faz indignada⁴³, que frente ao mal sobrevive, resiste; que pela força da ressurreição, entendida como insurreição, transforma; transforma todas as estruturas e nos convida a um tempo novo, um tempo messiânico. Trazendo a sua reflexão para o nosso texto, na tentativa de dialogar, notamos que ele vai nos oferecer uma explanação sobre o amor doação, extraído da passagem de Cl 3,14, que diz: «Mas sobre tudo isso, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição.» Ele traz o contexto da comunidade de Colossos e a intenção da carta a eles dirigida, que visava a superação do homem velho e a abertura ao homem novo, que pela prática da caridade rompe com toda a violência e vive um amor sem condição nem medida, da mesma forma como se falou à comunidade de Corinto, quando se tem o hino à caridade (cf. 1Cor 13,1-13)⁴⁴. Fala da *prolepse*, desta antecipação messiânica que nos possibilita viver com esperança em meio ao horror, num amor doação, numa fé sentida e que se realiza na história⁴⁵.

Ao detalharmos parte das abordagens destes dois autores, sabemos que a contribuição que eles oferecem à reflexão é muito maior do que aqui apresentamos. Nossa intenção nesta parte do artigo é a de trazer apenas um recorte, visando o nosso objetivo, que é entender as três virtudes

⁴¹ Carlos Mendoza-Álvarez, *A Ressurreição como Antecipação Messiânica* (Petrópolis: Vozes, 2020), 295.

⁴² Cf. Mendoza-Álvarez, *A Ressurreição como Antecipação Messiânica*, 283-335.

⁴³ Cf. Mendoza-Álvarez, *A Ressurreição como Antecipação Messiânica*, 286.

⁴⁴ Cf. Mendoza-Álvarez, *A Ressurreição como Antecipação Messiânica*, 317-320.

⁴⁵ Cf. Mendoza-Álvarez, *A Ressurreição como Antecipação Messiânica*, 321.

teologais como forças capazes de nos ajudar a superar este tempo pandêmico, em vistas de novas ações, compreendidas por uma nova noção de espiritualidade, como bem disse o Papa Francisco em suas catequeses. O que fizemos nesta parte do artigo se soma com as duas partes anteriores, ao descrevermos as interpelações deste nosso contexto e ao desenvolvermos um raciocínio teológico sobre a fé, a esperança e a caridade. Se olharmos a fundo, os dramas vividos nesta pandemia nos questionam no mais profundo da nossa humanidade e fazem, desta maneira, como consequência, um questionamento da nossa estrutura política e social. Vivemos em um sistema que já gerava morte e exclusão, marcas de uma violência sistêmica que precisava ser superada, como estruturas de poder, opressão e domínio. Estas situações se agravaram com a pandemia, quando a dor, o sofrimento e a morte passaram a chegar mais perto. Entram aí as perguntas que fomos trazendo ao longo do texto, num processo crítico, dialético e construtivo.

Olhando para os autores em questão, tanto Piazza quanto Mendoza-Álvarez, podemos perceber que eles entendem as três virtudes para além do que se pode deduzir como mera expressão humana. Eles não trabalham especificamente sobre elas, este é um exercício metodológico nosso, que aqui buscamos apresentar, para fazer esta relação e enaltecer a forma como eles abordam cada parte, na ideia de transparecer o que pretendemos expor com o nosso trabalho. As três virtudes não são sentimentos ou expressões humanas, muito embora se façam perceptíveis assim, numa lógica do que é possível e previsível, usando aqui a intenção de Piazza. Elas são teológicas, logo, estão envolvidas por uma dimensão de mistério que nos ultrapassa. Contudo, elas não podem ser entendidas sem a nossa relação, que é o que as caracteriza na história e é onde elas se dão a conhecer, nos antecipando e concretizando aquilo que é a proposta maior, o nosso chamado para Deus e a nossa resposta em direção a ele, fazendo aqui a vez de Mendoza-Álvarez.

Piazza fala de uma esperança impossível, de uma força que nos ultrapassa, por isso é dom. Se esperamos é porque Deus nos permite esperar. No entanto, a esta esperança maior não se chega sem as pequenas

esperanças, sem os pequenos gestos e sem as pequenas ações que nos favorecem o exercício de continuar a esperar, apesar de tudo (cf. Rm 4,18). É uma esperança que se faz pedagógica, por isso também escatológica: ela se revela, mas não nos invade, ela se abre e nos convida ao novo, que deve ser edificado por todos. Não se trata de uma espera vazia, mas de uma condição ativa, onde a fé e a esperança se vivificam diante do amor, um amor que se faz fraterno. Isso é força de vida.

Mendoza-Álvarez nos chama a atenção para a ressurreição, que se faz insurreição, que nos encoraja e nos faz resistir frente a todo mal. Um mal que é sistêmico e que exige novas posturas e mudanças. Estas mudanças decorrem de obras coletivas, de interesses comuns, de atenção às realidades que nos cercam, onde ali a esperança transborda e se faz força. É onde a humanidade resiste e a fé ganha um sentido novo. É quando abrimos espaço para o novo que somos chamados a ser, que trazemos as memórias que necessitam ser libertadas, num espaço que se comprime e que insiste em viver na esperança. Mendoza-Álvarez nos fala de um amor doação, que é ágape, que preenche tudo e renova todas as coisas. Isso é ressurreição-transformação.

Trazendo a proposta dos dois autores para o nosso percurso teológico, de uma esperança e fé que nos levam a um amor fraterno e de uma esperança e fé que nos conduzem a um amor doação, temos a nossa frente, novamente, e com mais propriedade, a questão da fé, esperança e caridade. Então, alimentados pela reflexão que foi feita, por aquilo que começamos lá atrás com o Papa Francisco, os autores percorridos e agora com Piazza e Mendoza-Álvarez, perguntamos, mais uma vez: podem elas (as três virtudes) favorecer novas experiências de vida e ressurreição, de abertura e transformação?

A nossa resposta conclusiva é sim, contudo é necessário um processo, uma disposição para o novo que vem e uma atenção decisiva frente aos desafios. Ressurreição é experiência de insurreição nesta vida (Mendoza-Álvarez), onde o impossível irrompe no possível e traz novas possibilidades (Piazza). Deus se faz presente e com ele a vida permanece, não morre jamais (Francisco).

Se no início dissemos que as três virtudes se realizam como um movimento da espiritualidade humana, que vai se concretizando no modo de agir e de se expressar, é importante dizer que esta espiritualidade ganha um novo tom quando se vê confrontada com um mundo marcado pela miséria, pela opressão, pela violência, e mais ainda, um mundo marcado por um mal que nos afeta em todas as dimensões humanas e sociais e produz dor, sofrimento e morte, como é o caso desta pandemia. Frente a isso, o que é que se pode esperar, o que podemos fazer? Estas perguntas ainda se fazem abertas. Elas não são previsíveis, mas apontam uma realidade diferente. Há pontos que nos interpelam e esses pontos exigem de nós atitudes de vida e superação. É onde podemos aprender com estas propostas teológicas, como possíveis caminhos de entendimento, de horizontes de reflexão, de transformação. Não é apenas o vírus que deve ser combatido, mas todo o mal que se tornou mais visível com o tempo pandêmico. Quando falamos de vida e de ressurreição, não é apenas à pessoa humana que dirigimos o nosso discurso, mas à toda criação, que geme e espera a sua ressurreição, de uma sociedade que necessita, urgentemente, de uma transformação. Se o mundo em que vivemos produz morte, devemos produzir vida. Se o mundo em que vivemos produz injustiça, é a justiça que devemos construir. Se a paz parece distante, é no caminho em direção a ela que possibilitamos algo novo, no diálogo e na amizade, na vida e na liberdade.

O tempo é aberto, está em nossas mãos construir. O mundo em que vivemos é pandêmico, é nossa responsabilidade cuidar, salvar, curar. Não podemos fugir, é necessário resistir, ficar, persistir, acreditar que outra realidade é possível. Sempre existe espaço para o novo e ele sempre nos surpreende. A cruz é pesada, as dores são muitas, do nosso lado a morte reclama e o céu parece distante, silencioso. Mas a vida cristã nos dá outra garantia, de que há um amanhã, de que há um novo dia, que a morte se foi e a vida venceu. É o que nós cremos e este é o fundamento daquilo que acreditamos, esperamos e que aprendemos a amar. Não é uma outra vida, mas é esta que se faz nova.

Se falamos em ressurreição é porque o ressuscitado está a nossa frente, ele nos precede. Seu convite é para todos. A salvação é para todos.

Nossa resposta também deve ser com todos, pois o mundo novo que queremos construir é para todos, uma única casa comum. Que possamos ir à Galileia e a todas as periferias, pois lá o veremos e com ele a vida se tornará forte e a ressurreição nos transformará. O mundo se abrirá e nós seguiremos, ainda mais. Este é o sentido e é o que buscamos. Agora, neste tempo pandêmico e desafiador, permanecem a fé, a esperança e a caridade. Elas são forças, forças de vida e ressurreição, forças de transformação. Agora.

Conclusão

Chegamos ao final deste nosso artigo, com o resultado ainda aberto e provocativo para nós. As muitas e novas interpelações que nos chegam pela pandemia nos obrigam a um olhar mais profundo para a nossa realidade enquanto humanos, para a nossa sociedade e para a nossa condição de fé. Não existem respostas prontas, mas um caminho de buscas, para o qual se exige um esforço de todos. Diante do mal que nos chega pela pandemia da COVID-19, somos convidados a olhar a essência do que cremos, esperamos e para a nossa capacidade de amar. Fé, esperança e caridade se traduzem em forças capazes de oferecer algo novo, que nos levam aos limites da vida e da história e neles podemos perceber a graça de um Deus que nos abraça e que nos acolhe; de um Deus que se faz presente e que se torna próximo pelas ações de todos aqueles que neste tempo dedicam a sua vida em solidariedade aos que sofrem e que, muitas vezes, devido às circunstâncias, pelo vazio e pelo medo, parecem deixar de ter fé, esperança e caridade.

Neste texto, buscamos percorrer um caminho que foi aberto pelo Papa Francisco, que em suas falas constantes traz inquietações. Ele fala das virtudes como forças, ele fala de nossa ação neste tempo pandêmico. Ele cobra responsabilidades políticas e convida a todos a um encontro com a fragilidade, que nos abre espaço para a fraternidade. É onde a teologia se sente tocada e provocada a contribuir. Em nossa reflexão, seguimos por autores que nos fizeram aprofundar as questões, num construir coletivo, trazendo o que é específico da nossa fé e apontando para

práticas que se fazem decorrentes. Se o mundo, hoje, é marcado pela incerteza, pelo medo, por sofrimentos e mortes, se o mal é pandêmico e a crise se faz sistêmica e questiona o todo do que somos, a exigência se faz grande e ela nos convida ao novo, ela nos interroga profundamente, quando a fé se faz exigente, a esperança se faz aberta e o amor é fraterno e doação, ele é serviço. Somos, pois, chamados a redescobrir o novo que podemos ser, um novo ser humano a se construir em uma nova sociedade que se faz comunidade, no respeito e na harmonia com tudo e com todos. Por esta razão, insistimos que, em um mundo pandêmico, neste agora que nos desafia, ainda permanecem a fé, a esperança e a caridade, como forças de vida e ressurreição.

Bibliografia

- Cunha, Rogério Guimarães de A. *A Escatologia do Amor: A esperança na compreensão trinitária de Deus em Jürgen Moltmann*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- Francisco, Papa. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.
- Francisco, Papa. *Gaudete et exsultate*. São Paulo: Loyola, 2018.
- Francisco, Papa. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020.
- Francisco, Papa. *Laudato Si'*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2015.
- Francisco, Papa. Audiência geral, de 05/08/2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200805_udienza-generale.html. Consultado a 23/04/2021.
- Francisco, Papa. «Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia», em 27/03/2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html. Consultado a 18/04/2021.
- Francisco, Papa. Audiência geral, de 19/08/2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html. Consultado a 18/04/2021.
- Francisco, Papa. Audiência geral, de 09/09/2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200909_udienza-generale.html. Consultado a 18/04/2021.

- Francisco, Papa. «Vigília Pascal de 2020 na Noite Santa, de 11 de abril de 2020.» Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200411_omelia-vegliapasquale.html. Consultado a 24/04/2021.
- Gutiérrez, Gustavo. *Onde Dormirão os Pobres?* 3.^a ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- Kuzma, Cesar. *O Futuro de Deus na Missão da Esperança: Uma aproximação escatológica*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- Kuzma, Cesar. «O que vimos, esperamos e o que podemos aprender: interpelações teológicas desde a pandemia,» *Voices*, XLII, 2020.2, 15-21. Disponível em: <http://eatwot.net/VOICES/VOICES-2020-2.pdf>. Consultado a 18/04/2021.
- Mendonça, José Tolentino de. «Que parábolas para este tempo?» Meditação apresentada à CNBB, em 25/11/2020. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Par%C3%A1bolas-para-um-tempo-novo-Cardel-Tolentino.pdf>. Consultado a 18/04/2021.
- Mendoza-Álvarez, Carlos. *A Ressurreição como Antecipação Messiânica: Luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- Moltmann, Jürgen. *Teologia da Esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. 3.^a ed. rev. e atual. São Paulo: Teológica, Loyola, 2005.
- Moltmann, Jürgen. *O Deus Crucificado*. Santo André, SP: Academia cristã, 2011.
- Piazza, Orazio Francesco. *A Esperança: Lógica do impossível*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- Schillebeeckx, Edward. *Jesus, a História de um Vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.
- Sobrino, Jon. *El Principio Misericordia*. San Salvador: UCA, 2012.
- Sobrino, Jon. *Espiritualidade da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1992.
- Vaticano II. *Mensagens, Discursos e Documentos*. São Paulo: Paulinas, 1998.

Artigo submetido a 18.05.2021 e aprovado em 11.06.2021.



